

Opúsculo humanitário: capítulos XXXV a XXXIX

Nísia Floresta

XXXV

171

Em todos os pontos do Brasil, qualquer homem ou mulher que saiba ler, embora não seja no português classicamente belo de A. Herculano, e tem meios de montar uma casa de educação, julga-se para logo habilitado a arrogar o título de diretor de colégio, caricaturando o que na Europa ilustrada assim se denomina. Nenhum exame em regra se exige desses educadores da juventude que terá de fazer um dia a glória do nosso país: eles ensinam pelos compêndios que querem, instituem doutrinas à sua guisa. O pedante goza das mesmas garantias, e quase sempre de maiores vantagens, que as inteligências superiores.

Seria difícil explicar vantajosamente a negligência com que um governo ilustrado deixa praticar assim abusos que tanto se opõem a nossa futura prosperidade. E enquanto vemos os nossos legisladores debaterem meses e anos sobre diversos melhoramentos do país, uma só voz não se levanta enérgica do meio dessa ilustrada corporação para reclamar sérias medidas tendentes à reforma da educação da nossa mocidade.

Sempre que brilha um novo dia e que nos bate à porta o jornal, apoderamos-nos com solicitude dessa folha, e avidamente percorremos a sessão das Câmaras do dia antecedente, em procura do assunto que temos escrito no coração e no espírito

¹ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Ed. atualizada com estudo introdutório e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez; Brasília: Inep, [1853] 1989. xliii + 164 p. p. 80-89.

– a educação da mulher brasileira – e dobramos a folha desconsolados e aguardamos o dia seguinte, que se escoo na mesma expectativa, no mesmo desengano.

Tem-se tratado de muitas coisas, menos disso, disso que merece incontestavelmente a mais circumspecta atenção dos homens pensadores.

Um dia raiará mais propício para nós, em que os escolhidos da nação brasileira se dignem de achar a educação da mulher um objeto importante para deles ocuparem-se com a circunspeção que merece.

Entretanto, lancemos os olhos para o que se acha atualmente feito pelo governo em favor do ensino primário das nossas meninas.

XXXVI

Pelo *Quadro Demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e do Município da Corte*, no ano de 1852, vê-se que a estatística dos alunos que frequentaram todas as aulas públicas monta a 55.500, número tão limitado para a nossa população, e que neste número apenas 8.443 alunas se compreendem.

Basta refletir nesta desproporção, para julgar-se do atraso em que se acha a instrução do sexo tão mal aquinhoado na partilha do ensino pago pelo governo. Nenhuma proporção há, como vamos ver, entre as escolas primárias de um e de outro sexo.

172

Na província de Minas, onde a instrução se acha mais geralmente difundida, entre 209 escolas de primeiras letras, só 24 pertencem ao sexo feminino. Considerando-se esta tão desproporcional diferença, o sexo parece permanecer ali debaixo da influência do anátema que fulminara sobre ele um dos mais notáveis presidentes daquela província. Tratando das cadeiras públicas de ensino primário, dizia ele que “deve-se ensinar às meninas tudo quanto convém que saiba uma mulher, que tem de ser criada de si e de seu marido”. Este severo administrador abstraiu, por sem dúvida, do século em que falava ou confundiu um povo livre, o digno povo mineiro, com a malfadada população de escravos que infelizmente o Brasil contém em seu seio.

Na ilustrada Bahia, de 184 escolas primárias, 26 somente são de meninas. Menos egoísta para com o sexo, a sua rival na glória, o heroico Pernambuco, fiel a suas tradições, lhe sobressai em equidade, pois que, de 82 escolas, 16 pertencem ao sexo feminino.

A província do Rio de Janeiro, com 116 escolas, dá ao sexo 36. No município da Corte, a sede do governo imperial, onde devia-se mais facilitar a instrução do povo, acham-se apenas criadas 9 aulas de meninas.

As demais províncias apresentam proporcionalmente a mesma escassez de recursos para o cultivo da inteligência da mulher, e algumas há cujo estado de instrução pública não chegou ainda ao conhecimento do governo geral.

Acrescentemos agora ao medíocre número dessas escolas a confusão dos métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus

sistemas e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações, e teremos, reduzido à expressão mais simples, o número da nossa população feminina que participa do ensino público e o grau de instrução que recebe.

XXXVII

No último relatório do ministro do Império, dando conta, à Assembleia Geral, da comissão de que fora encarregado às províncias do Norte o nosso distinto poeta Gonçalves Dias,¹ achamos uma prova do que acabamos de expender:

A desarmonia em que se acham as disposições legislativas de cada província, relativas a tão importantíssimo objeto, a deficiência do método de ensino das matérias, a multiplicidade e má escolha de livros para uso das escolas, o programa de estudos nos estabelecimentos literários, a insuficiente inspeção em alguns lugares e a quase nenhuma em outros, e, finalmente, a pouca frequência e assiduidade dos alunos, são outras tantas causas desse estado tão pouco próspero. (...) De tudo isso resulta a necessidade de uma reforma radical na instrução pública, dando-lhe um centro de unidade e de ação que a torne uniforme por toda a parte, e vá gradualmente extirpando os vícios e defeitos que têm até aqui obstado ao seu progresso e desenvolvimento.

Todavia, apesar deste e outros documentos oficiais, apesar do quanto se tem dito a respeito dos obstáculos que retardam os progressos do nosso ensino público, muitas pessoas recreiam-se aplaudindo a admirável rapidez com que marcha a civilização entre nós.

Grande progresso tem feito a educação em nossa terra – dizem os que confundem de ordinário a instrução com a educação, a licença com a civilização. Possuímos na Corte grande número de colégios, donde saem, cada ano, jovens suficientemente instruídas e falando diversas línguas. Vê-se multiplicarem-se os bailes e uma infinidade de pais conduzirem, sem reserva, a eles suas famílias, já sem o ridículo escrúpulo de outrora, que os fazia olhar essas *brilhantes* reuniões como um escolho onde naufragava a virtude. Não há representações de teatro e dança, por mais livres que sejam, onde se não tenha o prazer de contemplar hoje o *belo* sexo tomando parte no interesse dos espetáculos, sempre aplaudidos pelo nosso ilustrado público. A nossa mocidade já não precisa, para distinguir-se no *mundo*, de moldar suas ações pelas de nossos antepassados que mais merecerem os respeitos e os encômios de seus contemporâneos.

Nós, porém, que não costumamos julgar da educação e dos progressos de qualquer povo pelas numerosas instituições de bailes, nem pelo desprezo da mocidade pelas coisas mais respeitáveis, iremos por diante em nossa ligeira análise, estendendo-a a todo o Brasil, em muitos lugares do qual as gerações se vão ainda sucedendo sem alteração sensível de progresso.

¹ Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) havia voltado ao Brasil em 1845, formado pela Universidade de Coimbra. Aqui, além de distinguido como poeta nacional, recebeu diversas incumbências oficiais, entre elas a de levantar a documentação histórica e a situação educacional do Norte do Brasil.

Quando o mesmo governo confessa, à vista de provas autênticas, *ser por toda parte do Brasil pouco lisonjeiro o quadro que apresenta o estado da instrução pública*, devemos nós regozijar-nos da marcha progressiva de nossa civilização? Cometeríamos um grande ato de injustiça se, como aqueles seus apologistas, deslumbrados da perspectiva fosforicamente brilhante das reuniões de nossas capitais – entre as quais tanto sobressaem as desta Corte, foco da civilização brasileira – esquecêssemos as nossas meninas do interior das províncias, condenadas ainda à sorte de suas mães sob o regime colonial.

Demais, sem precisar ir longe da capital do Império, não se vê, ainda, em algumas casas a mulher tal qual a descreveu Ferdinand Denis,² quando viajou entre nós? Depois de falar dos melhoramentos da sociedade do Rio Janeiro, diz ele:

Si nous descendions de nouveau à l'intérieur des maisons brésiliennes, nous verrions qu'au fond du sanctuaire de famille, à l'ombre des anciens pénales, se conservent encore la plupart des vieilles coutumes. Là, on voit faire encore la sieste, pendant des heures, sans que l'activité toujours croissante des européens change rien à cette coutume; là, les dames brésiliennes qui ont paru à l'église vêtues de nos modes françaises retrouvent le costume brésilien. (...) Rarement assise, presque toujours accroupie sur les talons, la dame brésilienne fait de la dentelle, comme on en fabriquait au seizième siècle. Elle donne des férules à ses négresses, etc. etc.³

Insistamos, portanto, em clamar energicamente contra a escassez de meios de educação, que assim expõe grande parte de nossas mulheres a merecer tão acre censura.

A desproporção que demonstramos haver entre as escolas públicas de ensino primário apresenta-se mais considerável ainda nos estabelecimentos particulares de merecido renome, quer na Corte, quer fora dela.

Não somente os que pertencem ao sexo são em muito menor número, mas também não oferecem geralmente um estudo regular do ensino secundário, ensino vedado ainda hoje às nossas meninas em estabelecimento público. E, nos particulares, nenhuma aula existe de alguns dos ramos das ciências naturais, cujo estudo tão agradável e útil seria às mulheres que nascem, vivem e sentem no meio da nossa rica natureza tropical.

Com grande prazer vamos vendo muitos dignos brasileiros, animados hoje do verdadeiro espírito de progresso, irem triunfando do indiferentismo e apatia de seus antepassados para se porem à frente do ensino da mocidade, em diversos pontos, principalmente desta província e da de Minas. Congratulamo-nos por tão nobre empresa e fazemos sinceros votos pelos prósperos resultados de sua louvável dedicação. Mas não podemos deixar de sofrer quando, enumerando esses novos

² João Ferdinand Denis (1798-1890): autor de numerosas memórias históricas e descritivas sobre o Brasil e a América do Sul em geral, onde esteve de 1816 a 1821, entre as quais *O Brasil* (1821) e *O Brasil ou modos e costumes dos habitantes deste reino* (1822).

³ "Se descermos de novo ao interior das casas brasileiras, veremos que no fundo do santuário familiar, à sombra dos antigos penates, ainda se conservam, em sua maior parte, os velhos costumes. Lá, ainda se vê fazer a sesta, durante horas, sem que a atividade sempre crescente dos europeus mude nada desse costume; lá, as mulheres brasileiras que apareceram na igreja vestidas à moda francesa retomam o vestuário brasileiro. (...) Raramente sentada, quase sempre acocorada, a mulher brasileira faz renda como se fazia no século XVI. Ela bate com palmatória nas suas negras."

estabelecimentos, nenhum encontramos pertencente ao sexo feminino. Nestas províncias encontram já meios de instruirse em diversos ramos do ensino os rapazes, que outrora iam com mais ou menos dificuldades procurá-lo longe de suas famílias, entretanto que as meninas, cujos pais por justas considerações não ousam aventurá-las em uma longa ausência de suas vistas, acham-se ainda privadas dessa vantagem.

Os provincianos, mormente os que viveram algum tempo na parte mais ilustrada da Europa, deviam desprezar destarte a educação da mulher? Alguns, possuindo grande fortuna, não poderiam em suas respectivas províncias obviar-lhes os males provenientes da falta de educação, atenuando, senão preenchendo em geral, a lacuna deixada pelo governo?

Entregamos à consideração dos mais cordatos e amigos do progresso este expediente, aliás de tanto momento para as províncias a que se prezam de pertencer.

XXXIX

Falamos essencialmente das causas que estorvam os progressos de nossa educação, concernentes à negligência dos governantes e à inaptidão da maior parte dos encarregados do ensino de nossa mocidade. Da mesma sorte o faremos agora a respeito dos pais de família, a cujo bom senso recorreremos como a uma âncora de salvação, para subtrair as gerações nascentes ao naufrágio de que as ameaçam, apenas saídas do porto, os princípios subversivos e funestos inculcados à infância.

Enquanto os homens do poder se ocupam dos melhoramentos materiais, esperamos confiantes daqueles um remédio mais pronto e porventura mais profícuo ao nosso melhoramento moral.

A leviandade comum a quase todos os povos, de julgarem as coisas pela aparência, tem grande elastério entre nós. Apesar de nos ter a experiência inúmeras vezes mostrado quanto há de perigoso nesta leviandade, nenhuma precaução tomamos para triunfar dela, ao menos naquilo que tanta influência pode ter no porvir de nossos filhos.

O geral dos pais avalia quase sempre da excelência do estabelecimento onde manda educar suas filhas, pelo grande número de alunas que contém. Ouvimos por vezes dizer-se: "o colégio em que está minha filha é excelente, tem muitas meninas", sem importar saber se essa afluência é devida às condições materiais do estabelecimento e ao atrativo sempre poderoso de ostensivas promessas, ou ao mérito real da pessoa que o dirige.

Conhecemos outrora uma diretora⁴ que, não querendo fazer conhecido por fúteis exteriores o seu gosto pelo magistério, grandes dificuldades teve a superar para colocar-se, como depois se achou, à frente de um dos mais frequentados estabelecimentos desta Corte. Impelida então pelo desejo de acelerar os progressos de suas alunas, ela fixou um certo número, não admitindo outras sem vagar algum dos lugares preenchidos. Este procedimento admirava em extremo a todos de quem

⁴ Esta diretora não foi outra senão a própria Nísia Floresta.

era conhecido, pois não se compreende que no magistério deve haver um interesse mais nobre que o do miserável ganho pecuniário, interesse colocado pelos verdadeiros amigos da educação da mocidade à frente de todas e quaisquer outras considerações.

Para que uma diretora hábil e solícita possa obter grandes resultados da educação física e moral de suas alunas, será preciso que o número destas se conforme com o tempo que ela pode dar-lhes, velando por si mesma todo o ensino, o que uma substituta não poderá fazer tão completamente como ela. Daí a vantagem que achamos na educação dirigida pelas próprias mães, quando estas possuem os predicados para bem desempenharem tão difícil tarefa.

Nísia Floresta (Dionísia Pinto Lisboa ou Dionísia Gonçalves Pinto ou Nísia Floresta Brasileira Augusta), educadora, poetisa e escritora, nasceu em 12 de outubro de 1810, em Papari, Estado do Rio Grande do Norte, e faleceu em 1885, aos 75 anos, na França. Seus restos mortais foram trazidos para o Brasil quase 70 anos depois, em 1954, para serem enterrados na cidade onde nasceu, rebatizada de Nísia Floresta logo após a sua morte.